

Mercado financeiro Em alta

Com fiscal e exterior, dólar chega a R\$ 5,18

Com valorização de 1,25% no dia, moeda atinge maior cotação desde março do ano passado; Bolsa tem queda de 0,49%

O dólar emendou ontem o quarto pregão consecutivo de valorização e alcançou o maior valor de fechamento desde 27 de março de 2023, puxado pelo noticiário internacional e também pela decisão do governo de mudar as metas fiscais dos próximos anos. Com alta de 1,25%, a moeda fechou o dia cotada a R\$ 5,18. No início da tarde, depois de entrevista do ministro Fernando Haddad (Fazenda) à GloboNews sobre a mudança da meta de 2025, o dólar chegou a bater em R\$ 5,21.

“O mercado já sabia que o governo não iria entregar as metas de (superávit) primário, apesar dos projetos de aumento de arrecadação. O que surpreende é a velocidade da deterioração (do novo arcabouço fiscal)”. O governo está desistindo mi-

to cedo”, afirmou o economista-chefe da Nova Futura Investimentos, Nicolas Borsoi.

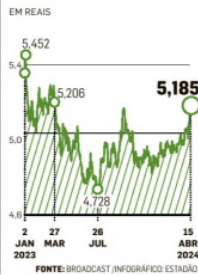
Em anúncio oficial no fim da tarde, a equipe econômica confirmou não só a mudança da meta de 2025, mas também a de 2026, adiando um ajuste nas contas públicas. Com o resultado de ontem, o dólar já acumulou alta de 3,39% em abril, o que leva os ganhos no ano a 6,84%.

No campo externo, pesaram os temores de uma crise geopolítica no Oriente Médio, dada a incerteza em torno da resposta de Israel aos ataques iranianos no último sábado. Também continuam no radar do mercado os sinais de fortalecimento do dólar e de alta das taxas dos Treasuries (os títulos do governo americano), após dados de forte atividade no varejo nos EUA em março reforçarem a leitura de que o Federal Reserve (Fed) tem pouco espaço para cortar os juros nos próximos meses.

Principal termômetro do apetite por negócios, o contrato de dólar futuro para maio apresentou giro forte para uma segunda-feira, acima de

EM ALTA

Dólar tem a maior cotação desde 27 de março de 2023



FONTE: BROADCAST INFOGRÁFICO/ESTADÃO

US\$ 20 bilhões

No exterior, o índice DXY – principal referência do comportamento do dólar em relação a uma cesta de seis divisas fortes – superou o patamar dos 106,200 pontos à tarde, com máximas da moeda americana em relação ao euro. Entre as divisas emergentes e de países exportadores de

commodities mais relevantes, o peso chileno e o real apresentaram o pior desempenho, com perdas acima de 1%.

O economista-chefe do Banco Pine, Cristiano Oliveira, alterou a expectativa para a taxa de câmbio no fim do ano, de R\$ 4,75 para R\$ 4,85. Ele resalta que o comportamento do real nos próximos meses estará muito ligado aos indicadores americanos e ao vaivém das apostas para o início do ciclo de corte de juros pelo Fed.

“Aumentamos a expectativa de câmbio médio de R\$ 4,88 para R\$ 4,98, com retomada da tendência de valorização do real apenas após o início do ciclo de cortes de juros pelo Fed, a partir de setembro (ante cenário anterior em junho)”, disse o economista-chefe do Pine.

Na esteira do pessimismo que sustentou a alta do dólar, o Ibovespa, principal indicador da Bolsa, recuou 0,49%, para o patamar de 125,3 mil pontos – o menor desde 17 de novembro do ano passado. No mês, o Ibovespa cai 2,16% e, no ano, 6,60%. ● ANTONIO PEREZ E LUIS LEAL

‘Não tem como negar influência de juros dos Estados Unidos no Brasil’

O ministro da Fazenda, Fernando Haddad, afirmou ontem que não há como negar a influência do patamar do juros nos Estados Unidos na economia brasileira e avaliou não ser “pouca coisa pagar (aos investidores de títulos americanos) 5,5% de juro ao ano em dólar”.

Haddad ponderou, no entanto, que ainda há espaço para o Banco Central brasileiro promover cortes na taxa Selic – hoje em 10,75% ao ano.

“Temos espaço na política monetária. 10,75% (juro no Brasil) ante 5,5%, 5,25% (juro americano), ainda temos um caminho para cortar juros, mas todo mundo fica preocupado com a taxa terminal (a Selic no fim do atual ciclo de cortes)”, disse ele, em entrevista à GloboNews. ● GIORDANNA NEVES/BRASILIA

VODCAST
dois pontos
Forme sua opinião ouvindo os “Dois Pontos”



Quem deve resolver o problema da (IN)SEGURANÇA PÚBLICA no Brasil?

O País assiste nos últimos anos a uma piora na sensação de segurança entre os moradores das cidades brasileiras. Mas quem o cidadão deve cobrar na hora de pedir por melhorias contra a violência? Quais são os exemplos de políticas e medidas nacionais e internacionais que deram certo? Como transformar essa realidade brasileira?

Para discutir essas questões, o programa Dois Pontos recebe o coronel reformado da PM de São Paulo e ex-secretário nacional de segurança, **José Vicente da Silva Filho**, e a socióloga e coordenadora de projetos do Instituto Sou da Paz, **Cristina Neme**, que foi coordenadora de análise e planejamento da Secretaria da Segurança Pública do Estado de São Paulo.

Apresentação da colunista do Estadão, **Roseann Kennedy**, e participação do editor-assistente **Marco Antônio Carvalho**.

Use o QR code para acessar



bit.ly/impresoeop25

Basta apontar a câmera de seu celular para a imagem acima.